



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**LUCILÉIA LUIZ DE SOUZA**

**O PAPEL DA MEMÓRIA, DA LEMBRANÇA E DO TESTEMUNHO NA  
GENEALOGIA FAMILIAR NO ROMANCE *LA CASA DE LA LAGUNA*, DE ROSÁRIO  
FERRÉ**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

**LUCILÉIA LUIZ DE SOUZA**

**O PAPEL DA MEMÓRIA, DA LEMBRANÇA E DO TESTEMUNHO NA  
GENEALOGIA FAMILIAR NO ROMANCE *LA CASA DE LA LAGUNA*, DE ROSÁRIO  
FERRÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciada em Letras  
habilitação Língua Espanhola.

Orientador Prof. Esp. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB

2013

S729p

Souza, Luciléia Luiz de.

O papel da memória, da lembrança, do testemunho na genealogia familiar no romance La casa de la laguna, de Rosário Ferré [manuscrito] / Luciléia Luiz de Souza. – 2013.

**46 f.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.**

“Orientação: Prof. Esp. Rafael Francisco Braz, Departamento de Letras”.

1. Feminismo 2. Crítica Literária 3. Literatura  
I.. Título.

21. ed. CDD 801.95

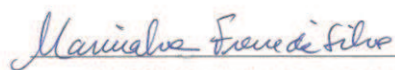
LUCILÉIA LUIZ DE SOUZA

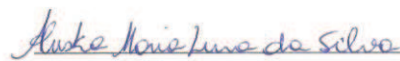
**O PAPEL DA MEMÓRIA, DA LEMBRA E DO TESTEMUNHO NA GENEALOGIA  
FAMILIAR NO ROMANCE *LA CASA DE LA LAGUNA*, DE ROSÁRIO FERRÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciada em Letras  
habilitação Língua Espanhola.

Aprovada em 09/09/2013.

 Nota 10,0  
Prof. Esp. Rafael Francisco Braz / UEPB  
Orientador

 Nota 10,0  
Profª Drª Marinalva Freire da Silva / UEPB  
Examinadora

 Nota 10,0  
Prof. Aluska Maria Luna Silva / UEPB  
Examinadora

Média 10,0

## DEDICATÓRIA

A Deus, meu tudo e meu guia.

Aos meus pais, Luiz e Salete, pelos ensinamentos sempre prestados.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, em primeiro lugar, pela força e perseverança que me proporcionou para que eu alcançasse esta vitória, apesar de tantas pedras que me foram lançadas no meio do caminho. Quero render-lhe glórias e agradecimentos.

A minha família, meu alicerce, pelas horas em que estive ausente e pelo apoio recebido durante todo o curso para eu prosseguir na minha caminhada. Aos meus pais, Luiz e Salete, meu maior e principal motivo de conquistar vitórias, o que seria de mim sem as orações e o carinho de mãe e sem as orientações de pai e aos meus irmãos, Sérgio e Lucinaldo, que tanto me ajudaram principalmente nas horas de dificuldades do curso, bem como a minha irmã Lucilete, pelos ensinamentos na vida.

Ao meu noivo, pela paciência que sempre teve para comigo durante esta trajetória e pelo amor sempre oferecido.

Aos companheiros de classe, pela troca de experiências que me enriqueceram como pessoa e profissional, em especial às amigas Sylvania e Angélica, pelos momentos divididos.

Aos professores do curso pelos ensinamentos e abertura de oportunidades profissionais.

Ao meu orientador pela partilha de conhecimento e pela paciência que teve comigo durante toda a elaboração da pesquisa.

Enfim, a todos que contribuíram e que me fortaleceram para eu concluir este trabalho.

*“QUEM QUER FAZER ALGUMA COISA, ENCONTRA UM MEIO. QUEM NÃO QUER FAZER NADA, ENCONTRA UMA DESCULPA”.*

Autor desconhecido

## RESUMO

A crítica feminista nasce nos anos 70 do século passado, quando a mulher alcança uma visibilidade distinta da que tinha sido construída milenarmente no âmbito histórico-literário e dentro de movimentos sociais e políticos. Marcada pelas criações e descobertas de novos conceitos, a crítica feminista, trouxe-nos uma nova visão sobre a mulher como leitora e escritora diante do campo literário. Além de promover debates acerca do posicionamento da mulher na sociedade, mostra-nos o impulso de romper com os “sacralizados” discursos de tradição literária. Mencionar a origem da crítica feminista é falar sobre o feminismo, um movimento social e político que obteve vários efeitos, dentre eles originou-se a crítica literária feminista. Observar a posição social da mulher, sua presença no mundo literário e perceber as condições sócio-histórico que interferem na sua produção literária é a visão geral do feminismo. Relatar sobre memória nos faz recordar expressões do tipo: guardar na memória, não é raro de se encontrar no nosso cotidiano, mas o que identificamos como memória? Quais os tipos de memória que são identificados? E como compreender o papel que a memória desenvolve no ser individual e no ser coletivo? Essas são algumas perguntas que pretendemos responder no nosso texto. Toda prática da escrita parte de uma reflexão do autor consigo mesmo, com seus interlocutores e com o mundo. Sendo assim, podemos dizer que o ato de escrever surge como um exercício mediante uma produção de si através da construção elaborada como um contraponto ao seu passado. No campo da literatura, embora não sejam muitas, algumas pesquisas são dedicadas a investigar as práticas de produção de si. Entre essas linhas de pesquisas encontramos a literatura de testemunho. Partindo do princípio de que o texto é o centro da produção literária juntamente com suas características semânticas e culturais, a literatura de testemunho surge preenchida de valores, sendo eles, pessoais ou históricos. O objetivo do nosso trabalho é analisar a função da memória, lembrança e do testemunho na genealogia das famílias *Mendizábel* e *Monfort* no romance *La cada de la Laguna*, da escritora Cubana Rosario Ferré. Nossa fundamentação teórica esta baseada em Beauvoir (1997), Castro (1992), Gomes (2004) e Zolin (2005). A análise nos mostra que torna-se evidente o crescimento do reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como objeto de pesquisa, depois de anos silenciadas as vozes femininas começam a adquirir o seu lugar embora que ainda singelo no campo literário. Através da escrita, o sujeito é capaz de mudar suas relações com o mundo, favorecendo a possibilidade de transformações coletivas. No entanto para que isso ocorra faz-se necessária uma conscientização da sociedade também em relação à importância da produção literária feminina a qual se pode começar a fazer uma mudança mediante o método de análise de produção literária, tendo o texto como principal objeto de estudo.

**Palavras-chave:** memória; lembrança; testemunho; genealogia familiar; crítica feminista.



## RESUMEN

La crítica feminista nace en el palco de los años de 1970 cuando la mujer pasa a obtener una visibilidad distinta de la cual se tenía construida milenamente en el ámbito historio-literario y dentro los movimientos sociales y políticos. Marcada por las creaciones y descubiertas de nuevos conceptos, la crítica feminista, he traído una nueva visión sobre la mujer como lectora y escritora delante del campo literario. Además de promover debates a cerca del posicionamiento de la mujer en la sociedad, nos muestra el impulso de romper con los “sacralizados” discursos de tradición literaria. Mencionar el origen de la crítica feminista es hablar sobre el feminismo, un movimiento social y político que obtuve varios efectos, dentro ellos se originó la crítica literaria feminista. Observar la posición social de la mujer, su presencia en el mundo literario y percibir las condiciones socio-histórico que interfieren en su producción literaria es la visión general de feminismo. Relatar sobre la memoria nos hace recordar expresiones del tipo; guardar en la memoria, no es raro de encontrarse en el nuestro cotidiano, pero lo que identificamos como memoria? Cuáles los tipos de memoria identificamos y como comprender el papel que la memoria desarrolla en el ser individual y en el ser colectivo? Esas son algunas preguntas que pretendemos contestar en el nuestro texto. Toda la práctica de la escrita parte de una reflexión del autor consigo mismo, con sus interlocutores y con el mundo. Siendo así podemos decir que el acto de escribir surge como un ejercicio mediante una producción de si a través de la construcción elaborada como un contrapunto al su pasado. En el campo de la literatura, sin embargo no sean muchas, algunas investigaciones son dedicadas a investigar las prácticas de producción de sí. Entre esas investigaciones encontramos la literatura de testimonios. Partiendo del principio de que el texto es el centro de la producción literaria juntamente con sus características semánticas y culturales, la literatura de testimonio surge rellena de valores, siendo ellos, personales o históricos. El objetivo de nuestro trabajo es analizar la función de la memoria, del recuerdo y del testimonio en la genealogía de las familias Mendizábal y Monfort en la novela “La casa de la laguna” de la escritora Rosario Ferré. Nuestra fundamentación teórica está basada en Beauvoir (1997), Castro (1992), Gomes (2004) e Zolin (2005). El análisis nos muestra que tornarse evidente el crecimiento del reconocimiento institucional de la existencia de la literatura escrita por mujeres como objeto de investigación, después de años silenciadas las voces femeninas comienza a adquirir su sitio sin embargo que aun sencillo en el campo literario. A través de la escrita, el sujeto es capaz de cambiar sus relaciones con el mundo, favoreciendo la posibilidad de transformaciones colectivas. Entretanto para que eso ocurra se hace necesario una concientización de la sociedad también en relación a la importancia de la producción literaria femenina, la cual se pode empezar a hacer un cambio mediante el método de análisis de producción literaria , teniendo el texto como principal objeto de estudio.

**Palabras-llave:** memoria; recuerdo; testimonio; genealogía familiar; critica feminista.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	11
1-ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E OBRA DE ROSARIO FERRÉ.....	13
2-ENVEREDANDO PELO UNIVERSO DE FERRÉ.....	16
3-A CRÍTICA FEMINISTA: BREVE RELATO.....	20
4-MEMORIA, LEMBRANÇA E TESTEMUNHO.....	27
5- LA CASA DE LA LAGUNA: NARRATIVA DA GENEALOGIA.....	32
ÁRVORE GENEALÓGICA DAS FAMÍLIAS MENDIZÁBAL E MONFORT.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

## INTRODUÇÃO

O resgatar e o reinterpretar da produção literária de autoria feminina surge juntamente com a crítica feminista nos anos de 1970. Sabemos que a expansão dos estudos contemporâneos relacionados à escrita feminina como produção de si, tem seu crescimento ainda lento, mas já se encontram linhas de pesquisa relacionadas ao tema objeto deste estudo. Tendo em vista que o ponto de partida mais importante para superar a tradição literária imposta durante anos, em que se considerava a escrita feminina como não digna de pertencer ao cânone literário, é analisar o texto e seus valores semânticos e culturais, sem dar tanto ênfase quanto a sua autoria como até então era feito.

Inserida nesse contexto de mudanças e com o intuito de promover o despertar do senso crítico, a crítica feminista surge com o impulso de romper com as tradições literárias de vozes masculinas.

Diante da análise do texto “*La casa de la laguna*” de Rosario Ferré, iremos analisar essa produção literária feminina refletindo sobre a função que exerce a memória, o testemunho e a lembrança na genealogia familiar. Na perspectiva da crítica feminista, analisaremos um texto segundo sua função literária sem fazer referências ao seu autor. Quando fazemos a análise da memória, seja coletiva ou individual, pretendemos nos fixar no tempo e no espaço, segundo a contribuição que essa memória tende a oferecer no próprio texto. Já na perspectiva da lembrança, pretendemos analisar o processo que surge através do ato de lembrar que influenciara diretamente na escrita, enquanto no âmbito do testemunho, o texto surge como realidade única mediante seu autor e seu texto.

Partindo do princípio que o texto é o centro da produção literária juntamente com suas características semânticas e culturais, faremos uma análise do campo literário visando à crítica feminista dando ênfase ao próprio texto de autoria feminina como objeto de estudo. Nesse contexto, este trabalho pretende fazer uma reflexão sobre as práticas de produção de escrita de si de acordo com o texto analisado nas perspectivas de memória, lembrança e testemunho.

Nota-se a necessidade de analisar a influência que o sujeito sofre na prática de sua escrita diante dos acontecimentos vividos por ele mesmo, dessa forma analisar cada um dos principais personagens do livro em estudo nos fará observar quais as influências de cada cena vivida na hora da descrição pelos protagonistas.

Nessa linha de raciocínio, este trabalho pretende apresentar, uma reflexão acerca do avanço da escrita feminina tendo como base de estudo um texto de autoria feminina para análise, além de verificar na genealogia familiar a influência sobre a mesma através das memórias, lembranças e testemunhos vivenciados.

Diante do poder ilimitado de ficção e da impossibilidade de uma única verdade, a narração nos presenteará com uma análise envolvente, verificaremos o reconhecimento institucional da escrita de autoria feminina como objeto de estudo.

# 1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA E OBRA DE ROSARIO FERRÉ

## 1.1 Sua vida e sua obra

Apresentando-nos uma nova forma de analisar e interpretar a literatura geral, Rosario Ferré distintamente dos críticos literários norte-americanos, apresenta-nos uma visão de como criticar a literatura sem fazer distinções dos textos quanto ao sexo dos autores, mas tendo como objeto de estudo o valor literário do próprio texto. Diante disso, faz de sua voz e escrita feminina uma forma de libertação de seus conceitos construídos a partir de sua identidade nacional e social. Doutora pela Universidade de Maryland, recinto de College Park, Rosario Ferré nasceu em Ponce, Porto Rico, que inclusive aparece como palco de algumas de suas obras, em 1938. Filha de Lorenza Ramiréz e de Luis A. Ferré Aguayo, um industrialista que chegou a governar Porto Rico de 1968 a 1972, embora sua família não fosse rica, obteve alguns privilégios estudou em escolas privadas, cursou universidades estadunidenses, Ferré licenciou-se em inglês e Francês, casou-se pela primeira vez com Benigno Trigo com quem teve três filhos: Rosario Lorenza, Benigno e Luis Alfredo; seu segundo esposo foi o professor de literatura latino-americana e autor mexicano José Aguilar Mora, de quem também se divorciou.

Na Universidade de Maryland que se descobriu como mulher, crítica literária, contista e foi lá também que conheceu seu terceiro marido Augustín Costa Quintano, um premiado arquiteto de Porto Rico com quem vive até hoje em uma ilha e é de lá que ela participou de várias atividades profissionais, sociais e artísticas. Podemos nomeá-la poetisa, novelista, contista, ensaísta e crítica literária. Na década de 70 escreveu seu primeiro conto, sua primeira coleção de contos se chamou “*Papeles de Pandora*”, publicada em 1976, composta de ideias anticonformistas com duplo enfoque sociedade e política, atualmente está em sua terceira edição. Seu primeiro livro de contos infantis publicado foi “*El mediopollito*” em 1981, seguidos de outros como: “*Los cuentos de Juan Bobo y La mona que le pisaron la cola*”. É importante relatar que os temas dos livros destinados para o público adulto

seguem o mesmo estilo dos infantis, os quais remetem para o duplo enfoque de reformas sociais e políticas.

A partir dos seus primeiros escritos até os de atualmente, Ferré chegou a ser considerada uma das escritoras mais importantes e prolíficas de Porto Rico no campo Latino-americano do século XX. Criou, juntamente com seus amigos universitários, uma revista literária estudantil com o nome: “*Zona Carga e Descarga*”, a qual começou com publicações de jovens que não tinham reconhecimentos diante de outras revistas literárias e do mundo literário em si, inclusive ela, que poderiam expressar nesta revista sua visão para uma reforma política e social, foi assim que surgiu a primeira manifestação do pós-modernismo Porto-riquenho dos anos 70.

Escreveu a narrativa “*Maldito Amor*” em 1987 que junto com “*Papeles de Pandora*” foram as obras mais conhecidas e populares de Ferré, mas, foi com a publicação em inglês de “*La casa de la laguna*” em 1995 ( a qual temos como objeto de nosso estudo), que Ferré obteve êxito econômico vinte anos depois de não ganhar dinheiro algum com suas publicações em língua Espanhola, com essa publicação ganhou o premio Literário Prestigioso Estadunidense do Livro Nacional e a partir dessa tradução surgiu outras traduções de suas obras . Em 1981 publicou “*Sitios a Eros*” que foi sua primeira coleção de ensaios que entre os quais um se chama “*La cocina de la escritura*” onde La autora faz uma mescla entre o ato de escrever “-de crear la palabra en la página blanca” com o ato de cozinhar “-crear la receta en el plato vacío”. Em suas obras e críticas a autora mostra sua visão da literatura de Porto Rico e da literatura masculina e feminina, visando melhorar o tratamento que as escritoras femininas recebem dos críticos literários masculinos e uma reforma com duplo enfoque político e social.

Sobre a literatura feminista a autora refere que “*no existe un estilo femenino, diferente al de los hombres, porque la literatura, como lenguaje y como forma, no tiene sexo.[L]a literatura femenina difiere de la literatura masculina en cuanto a los temas que la obseden.*”[FERRÉ, 1982,98-99]. Inserindo a idéia que se deve reexaminar e redefinir a crítica literária feminista. Suas principais obras e livros são: “*Papeles de Pandora* ( 1976), “*Medio pollito*” (1977), “*Las dos venecias* (1990), “, *La casa de la laguna*” (1996) , “*La batalla de las vírgenes*” (1993), “*zona de carga y descarga*” ,” *La caja de Cristal* “(1978) , “*Maldito Amor*”(1987), “*El coloquio de las perras*” (1990).

Atualmente, escreve críticas para revistas e jornais de Porto Rico e, às vezes, faz publicações estadunidenses. Ferré propõe uma observação na essência do texto literário e representa uma revolução na crítica literária latino-americano baseado no cânone patriarcal.

## 2 ENVEREDANDO PELO UNIVERSO DE FERRÉ

“*La casa de la Laguna*” de Rosario Ferré tem 430 páginas, é um romance do qual podemos identificar duas histórias paralelas. A primeira, relatando as memórias de acontecimentos de duas famílias que ao mesmo tempo se associa a registros históricos de Porto Rico. A segunda, relata o que acontece enquanto o manuscrito está sendo escrito. Podemos dizer, então, que não é simplesmente um romance mas um relato histórico de Porto Rico. Identifica-se um poder de ficção sem limites com o desenvolver do romance e a impossibilidade de uma única verdade.

Nota-se um entrelaçamento de vozes: voz masculina e voz feminina. Dentre os personagens, destacamos a protagonista Isabel Monfort e Quintín Mendizabel seu esposo. O romance narra diferentes registros da história de Porto Rico e podemos afirmar que todos com intenção política e pessoal a fim de construir um olhar para a crítica do presente e para as transformações políticas e socioeconômicas a partir dos escritos do passado que possa definir a história de Porto Rico.

Após uma apresentação breve dos personagens principais nas primeiras páginas em “*El pacto ente Isabel y Quintín*” que conta o pacto feito por Isabel e Quintín de examinar as histórias violentas de suas famílias e não deixarem que acontecesse o mesmo entre eles, e a decisão de Isabel em escrever essas histórias segundo as lembranças de Quintín o que não resultou no mesmo. O romance é dividido em oito partes, que serão analisadas separadamente.

A primeira parte de “*La casa de La laguna*” tem como título “*Los cimientos*” divide-se em cinco capítulos que relatam descrições e acontecimentos sobre o pai de Quintín e a ilha tudo isso apresentado pela personagem Isabel. No primeiro capítulo encontra-se a descrição de San Juan, da ilha e um pouco sobre os costumes da mesma; no segundo, apresentam-se relatos sobre a chegada de *Buenaventura*, o pai de Quintín à ilha de Porto Rico, suas características físicas e de vida, nessa parte surge os relatos históricos da ilha suas guerras, suas dependências e independências políticas. Relata-nos o texto: “*España nos concedió la autonomía seis meses antes de perder la guerra hispanoamericana, pero la ciudadanía puertorriqueña se malogró*” (1997:26).

Já no terceiro capítulo, a autora nos apresenta relatos sobre a tradição e os costumes da burguesia, dando ênfase às tradições quanto aos casamentos que sofriam preconceitos raciais



não somente com os noivos, mas com os familiares de ambos, oportunidade em que a mesma discorre sobre como conheceram os pais de Quintín. O capítulo que segue aborda a situação econômica da ilha e, conseqüentemente, a crise financeira que se sucede. No último capítulo da primeira parte a autora trata do comércio de Buenaventura, antes e durante a crise.. Finalizando a primeira essa parte, notamos que Isabel dedica os primeiros capítulos de seu manuscrito à família do esposo, principalmente, o sogro, relatando sua chegada à ilha, seu desenvolvimento nesta, ao mesmo tempo em que faz parte de um relato histórico sobre a formação de Porto Rico.

A segunda parte do livro intitulada “*La primera casa de la laguna*” é composta por três capítulos e uma interferência de voz masculina, observamos que a partir dessa parte que surge a presença de relatos de uma voz masculina, a de Quintín, e romance se desenvolve a partir de dois ângulos, o de Isabel e o de Quintín. Inicia-se Isabel com o primeiro capítulo da segunda parte onde relata o casamento dos pais de seu esposo e de como foi construída a primeira casa da laguna, desde as primeiras negociações com o arquiteto até a realização do projeto, nesse momento Isabel relata sobre a suposta traição da mãe de Quintín Rebeca, ao seu esposo. Ela segue no segundo, apresentando os sentimentos que Rebeca ao seu esposo e o surgimento da primeira gravidez dela, que será o nascimento de Quintín. No último capítulo da segunda parte descreve os acontecimentos da casa da laguna, o surgimento de uma empregada que Buenaventura trouxe para casa e que para ele representava como uma mãe e que ao longo do livro esse personagem vai ganhando destaque. Nesse momento, surge a primeira interferência masculina -Quintín descobre o manuscrito de Isabel, sente-se surpreso e incomodado por ela inserir no romance maior parte de ficção com relatos que segundo ele faltam com a verdade. No texto: “ *Quintiín prefería la historia a la literatura... Los escritores interpretaban siempre la realidad a su manera, pero aunque los bordes de la realidad fuesen difusos. La verdad estaba allí, y era inmoral tratar de cambiarla...*” (1997:88) como ela gostava de ,le acreditava que ela estava inserindo ficção demais ao romance.

Ferré nos apresenta a terceira parte do livro continuada por Isabel com título “*Las raíces de la familia*” dividida em três capítulos e mais uma interferência. No primeiro capítulo Isabel faz um auto-relato sobre as memórias de seu tempo passado com Quintín conta-nos seu relacionamento em seus dias de namorados, faz confissões de momentos de amor desconhecidos por seus familiares e é nesse mesmo capítulo que descreve recordações de acontecimentos de sua família e de acontecimentos familiares. No capítulo seguinte Isabel

volta a falar dos familiares de Quintín, isso segundo ela tudo relatado da memória dele, relata características e o casamento de seus bisavós. No último, a escritora retoma o tema familiar, enfatizando seu casamento. Quintín volta a ler o manuscrito e conclui mais uma vez que ocorrem muitas faltas de verdades, no entanto nos deixa uma frase muito proposta a observações “*Nada es verdad, nada es mentira, todo es según El color del cristal com que se mira*” (1997, p.120). No entanto, observa que no manuscrito de Isabel havia alguns relatos dignos de serem considerados bons e depois de pensar começa ele mesmo a escrever da forma que acredita ser correto, inicia com relatos dos familiares de sua esposa, mas não coloca junto dos dela, assim encerra-se a terceira parte do livro.

A próxima parte “*El Chalet de Roseville*” se divide em quatro capítulos e a interferência. Isabel inicia nos três primeiros com relatos de memórias familiares que lhe foram contados por seu marido e que mais uma vez remota-se com relatos históricos de Porto Rico relata conflitos “*El año 1937 resultó funesto para Puerto Rico. Los nacionalistas intensificaron sus ataques para obligar a Estados Unidos a que Le diera la independencia a la isla. Las bombas estallaban por toda la ciudad...*” (1997, p.140) e nos permite conhecer grandes relatos sobre a formação de Porto Rico. No último capítulo ela volta a escrever sobre seus parentes e nesse momento nos apresenta o relacionamento de seus pais e algumas recordações sua junto com seus familiares. Relata-nos “*Nunca olvidaré el día que llegamos a la hermosa casa de la calle Aurora. En la casa de Abby todo era muy sencillo y ninguno de nosotros, excepto Carmita, había visto nada como aquello*” (1997, p.155). Na interferência Quintín queria acrescentar ao manuscrito o que tinha escrito ao romance, no entanto achou melhor não temia que Isabel escondesse o manuscrito fora de casa e ele não poderia lê-lo mais; de posse do manuscrito ele se surpreende mais uma vez e agora começa a escrever seu posicionamento sobre os fatos históricos narrados por Isabel. encerra-se a quarta parte do livro.

Na quinta parte do livro, “*La casa de la calle aurora*”, a autora nos apresenta mais três capítulos descritos por Isabel e mais uma intervenção, nos capítulos são desenvolvidas recordações familiares dela e neles não se faz relato algum sobre os parentes do esposo. Dentre suas lembranças, encontramos: sua chegada a Ponce, suas primeiras visitas a cidade, sua escola de balé, os longos e complexos acontecimentos em torno dessa escola, de seu professor, das aventuras amorosas dele, do companheirismo dela com sua avó e de sua viagem aos EUA. Na intervenção Quintín já não se contém mais e a autora nos relata que ao ler esses capítulos ele não resiste e começa a fazer observações na margem do manuscrito,

fazendo sugestões ao texto original, depois acaba escrevendo sobre um relacionamento que teve com uma jovem citada no texto por Isabel. Finaliza-se essa parte do texto.

Em “*La segunda casa de la laguna*” além de interferências de capítulos e voz masculina inicia-se com um auto relato de Isabel que conta que percebeu que seu esposo havia lido seu manuscrito e nos capítulos que segue ela faz umas mesclas entre relatos de seu relacionamento com ele, quando se conheceram, com memórias de seus parentes, relatos do casamento dela e de seu convívio com a família de Quintín, Nessa parte observa-se algo próprio da autora que escreve sobre o lado feminino de enfrentar a vida e seus preconceitos quando escreve: “*Durante la década delveinte, las mujeres isleñas se tiraron a la calle a ganarse El pan con El sudor de sus frentes*” (1997, p. 234). Seguido do próximo capítulo que relata sobre Petra mulher forte e presencial. A interferência masculina ele segue lendo manuscrito pensa em destruí-lo, mas não faz isso e comenta algo paralelo ao que ler. Nos dois últimos capítulos dessa parte Isabel relata os casamentos dos irmãos de seu esposo e a morte do pai dele, encerrando assim a sexta parte.

Na penúltima parte do livro a autora faz o que já havíamos descrito como entrelaçamentos de vozes, nos primeiros capítulos Isabel relata sobre o que acontece após a morte do pai de Quintín, a divisão da herança, a insatisfação dele perante essa divisão, a viagem dele para Madrid, seu sumiço e até uma carta aparece dele para ela, encerrando esses capítulos é apresentado a decadência financeira da família de Quintín. Na intervenção ele ler o manuscrito e fica cada vez mais indignado com ela e temeroso de seus escritos, chega a relatar no texto como ele sentia: “*Era como si Isabel tuviese un rifle con un lente telescópico en la mano; tenía la mira puesta en él...*” (1997p.314.) Nos capítulos que segue surge a mudança deles para a casa da laguna, o nascimento de seu filho e relatos que aconteceram na casa. surge outra interferência dele e mostra-nos conversas sobre literatura. Nos capítulos que seguem são feitos relatos da memória de Isabel da sua vida e a de Quintín, que por sua vez segue insatisfeito com ela. nos dois últimos capítulos dessa sétima parte encontramos mais relatos de memórias que se associam claramente a relatos históricos e políticos de Porto Rico. Finaliza-se essa parte do livro com Quintín com recordações do que se conversava na casa e uma discussão sua esposa sobre o manuscrito.

A última parte do livro, a oitava intitulada de “*Cuando las sombras se acercan*” composta por relatos só de Isabel que inicia com uma interferência dela contando com quem tinha guardado o manuscrito, como o reencontrou e como terminou de escrever os seis

últimos capítulos do manuscrito. Nos capítulos finais do manuscrito segue-se relatando acontecimentos, como a morte de Petra, a empregada do casal; conversas do casal, o segundo filho de Quintín descobrindo todos seus parentescos, a viagem de Isabel e memórias de tudo vivido por ela durante esses dias de fim de escrita do manuscrito. Ao mesmo tempo conta como ficou a casa da laguna e Quintín quando ela saiu de lá “*Lodejé donde estaba y enfilé de nuevo El bote hacia la laguna. Cuando me di vuelta a mirar, vi que las llamas salían por las ventanas modernistas de casa...*”(1997, p. 430) Assim se encerra o livro “*La casa de la laguna*” relatando os últimos capítulos do manuscrito.

### 3 A CRÍTICA FEMINISTA: BREVE RELATO

A crítica feminista nasce no palco dos anos de 1970 quando a mulher passa a obter uma visibilidade distinta da qual tinha sido construída milenarmente no âmbito histórico-literário e dentro de movimentos sociais e políticos. Marcada pelas criações e descobertas de novos conceitos, a crítica feminista, trouxe-nos uma nova visão sobre a mulher como leitora e escritora diante do campo literário.

Além de promover debates acerca do posicionamento da mulher na sociedade, mostra-nos o impulso de romper com os “*sacralizados*” discursos de tradição literária. Visa

“investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades [...] divulga posturas críticas por parte dos (as) escritores(as) em relação as convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos(...)”. (ZOLIN 2005:182)

Mencionar a origem da crítica feminista é falar sobre o feminismo, um movimento social e político que obteve vários efeitos, dentre eles originou-se a crítica literária feminista. Observar a posição social da mulher, sua presença no mundo literário e perceber as condições sócio-histórico que interferem na sua produção literária é a visão geral do feminismo.

Sendo um movimento amplo, o feminismo, defende que as mulheres podem transformar tanto a posição social que lhes foi designada quanto desenvolver uma teoria feminista acadêmica. Fazer com que se mude o modo de como se ler ou se critique um texto literário, é o que muitos críticos e escritores defendem nas últimas décadas, considerar o objeto de estudo e suas características. Nossa autora em estudo FERRÉ(1997) argumenta:

*[...]la crítica literaria propone una crítica ciega al sexo, pero sensitiva a la localidad literaria. Representa una revolución en la crítica literaria latinoamericana tradicionalmente basada en el canon patriarcal. Demargina la literatura femenina sin marginar a su opuesta literatura masculina; las trata igual desde el centro del universo literario.* (FERRÉ, 1982:98-99 ?)

Além disso, outros efeitos foram oriundos do feminismo, como direitos adquiridos, a exemplificar com o direito de voto em 1920 às mulheres americanas, na Inglaterra elas optavam por não se submeterem ao modelo de organização social imposto, no Brasil em 1932 surgem as primeiras discussões sobre o direito das mulheres a educação e a vida profissional. Foi a partir dessas primeiras manifestações do feminismo que muitas mulheres começam a escrever, o que até então era uma profissão masculina. Vale salientar que de início esses escritos eram muitas vezes escritos por elas, mas assinados por eles. É o caso do texto *the Mill on the floss de Middlemarch* da autora *Mary Ann Evans* que foi assinado por George Eliot e da

autora *Amandine Aurore Lucile Dupin* em *Valentine* assinado por George Sand. Depois outras escritoras conseguiram assinar suas obras como Charlotte Bronte autora de *Shirley* e *Jane Eyre* e Maria Firmina dos Reis autora de *Úrsula*, o primeiro romance brasileiro de autoria feminina que se conhece até os atuais dias.

As precursoras do feminismo mais conhecidas foram três. A primeira considerada uma importante precursora da crítica feminista foi Virgínia Woolf (1882-1941) que nos presenciou com dois posicionamentos acerca da mulher. O primeiro sobre “mulher e literatura” ela aborda a necessidade de um espaço físico adaptado para a escrita da mulher, onde a mesma não tivesse problemas materiais e de dependências, para desenvolver sua escrita adotando uma postura de que a mulher, distintamente do homem dessa época, não tinha os mesmos privilégios para essa escrita. “ *A mulher que nascesse com o veio poético no século XVI, no entender de Woolf, seria uma mulher infeliz e em conflito consigo mesma(...), tinham que enfrentar as dificuldades materiais e a questão da dependência*” (WOOLF, 1985: 186).

Outro posicionamento de Woolf dirige-se ao tema “mulher e ficção” onde ele ressalta a presença nítida de ressentimentos e de raiva como marca da literatura feminina, fazendo com que a literatura de autoria feminina perdesse por conta desta revolta das mulheres escritoras dos séculos XVII e XVIII. Resumidamente no entender de Woolf as grandes mentes não pensam separadamente no sexo e defende a necessidade da arte se realizar de forma integral sem distinções quanto ao sexo.

A segunda precursora é Simone de Beauvoir apresenta-nos uma discussão sobre a mulher através de uma perspectiva existencialista, visando a situação da mulher na sociedade, sobre essa situação mostra-nos dois posicionamentos. De um lado a mulher dentro de um estudo de opressão, onde o privilégio do homem é ressaltado e a situação da mulher de oprimida confirmando quanto ao seu destino de mulher passiva. Por outro lado Beauvoir sugere formas de emancipá-las dessa opressão questionando quanto a submissão da mulher a essa opressão e afirmando que a mulher mesma aceita essa opressão que lhe é imputada, tornando-se cúmplice da própria escravização. Sobre o posicionamento social da mulher afirma-se “...uma mulher é um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles.”(FUNCK, 1994: 67). Nesse sentido ela trata sobre a noção de igualdade e semelhança de todos os seres humanos.

A outra precursora do feminismo e esta define como marco inicial da crítica feminista é Kate Millet(1970) que discute as causas da opressão feminina, observando os aspectos literários e políticos e analisando os papéis secundários das personagens femininas e das escritoras e críticas femininas.

Millet mostra-nos que os valores literários, atribuídos pelos homens, afeta a literatura e diante dessas discussões sobre as relações de gênero na representação de personagens femininas surge o que hoje é conhecido como a mais tradicional vertente da crítica literária feminista.

Após o feminismo, a crítica feminista adquiriu uma nova visão agora não mais nos textos masculinos, mas passou a investigar a literatura feminista dando ênfase a quatro enfoques: o biológico aceitando como ordem da natureza os papéis destinados a ela; o lingüístico criando discussões sobre o uso da linguagem da mulher; o psicanalítico que situa a distinção na psique do outro e na relação do gênero como processo da criação da escrita e o político cultural que estabelece uma relação entre a classe social e o gênero como alvo de análise.

Surgem assim duas grandes vertentes: a crítica norte-americana de Showalter (1985) que nos descreve dois tipos de críticas sendo a primeira “crítica feminista” que enfatiza as mulheres como leitoras e a “ginocrítica” que enfatiza as mulheres como escritoras. “...a crítica feminista tem mostrado que a produção literária após a década de 1960 tem seguido outros direcionamentos. As escritoras, partindo de suas experiências pessoais, e não mais dos papéis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal debruçam-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angústia femininas, bem como sobre outros temas especificamente femininos, como nascimento, maternidade...” (ZOLÍN,2005:194).

Observamos como exemplo Rosario Ferré no seu livro “ La casa de la laguna”, nosso objeto de estudo, em que Rebeca, mãe do antagonista do romance, não se adapta aos costumes dos papéis femininos pré-determinados pela ordem da natureza, não se importava em ter filhos no início do casamento distintamente do seu marido que se sentia profundamente desiludido, para ela ter filhos à tiraria do mundo artístico que tanto desejava. “...*Buenaventura se sentia profundamente desilusionado; siempre había soñado con tener una familia numerosa; pero a Rebeca no le importaba en lo más mínimo. Si tenían hijos, no podría bailar y confundirse con la naturaleza, como siempre había hecho...*”(FERRÉ,1997:.53).

A segunda grande vertente é a crítica feminista francesa que tem como idéia central a identificação da linguagem feminina, partindo de uma abordagem psicanalítica levantando abordagem que as diferenças sexuais se constroem psicologicamente dentro de um contexto social. Sobre essa vertente afirma Zolin (2005:197) “ A atitude de desconstrução em relação a oposição homem/mulher que a crítica feminista francesa pressupõe pode ser mais facilmente reconhecida em textos de escritoras(es) contemporâneas(os) do que ao longo da história da literatura .”

A exemplificar como o nosso objeto de estudo “La casa de la laguna”, Rosario Ferré pertence a essa classe de escritoras contemporâneas que possuem textos que se identificam ao descrito. A personagem central Isabel, traz a tona uma discussão acerca dos conflitos entre os gêneros homem/mulher onde quer escrever as Memórias da sua família e a do seu marido. O conflito se instaura por causa do posicionamento do seu marido que insiste em criar o texto de acordo com seu ponto de vista histórico, distintamente de Isabel que cria um texto literário com ficções que ele não aceita e nem concorda. A liberdade de Isabel ocorre quando ela começa a escrever sem comunicá-lo e no fim da história ela se liberta tanto do contexto social ao que se inclui quanto da sua submissão literária. “...*muchos años después , cuando ya nos habíamos mudado a vivir a longboatkey, y la paz de este lugar maravilloso había sanado mis heridas, que regresé a terminar de escribir La casa de la laguna. Yo sé que publicar la novela puede tener consecuencias funestas para mí...*” (FERRÉ,1997 : 402).

A crítica feminista no Brasil surge nos anos de 1980 com algumas discussões e pesquisas relacionadas à crítica feminista. No entanto, estudos ligados à mulher e à literatura no Brasil ainda fazem parte de um mundo carente, o que nos faz pensar que se perpetua o cânone literário, constituído pelo homem ocidental.

[...] relegada ao esquecimento pela tradição canônica sob o pretexto de consistir numa produção de baixo valor estético em face da chamada literatura de autoria masculina. No Brasil, o resultado desse trabalho aponta para a descoberta de inúmeras obras de escritoras do século XIX, que, apesar de sua qualidade estética, jamais foram citadas pela crítica. (FERRÉ,1997:276).

A literatura produzida pela autoconsciência da mulher foi alvo de investigações e percorreu três grandes fases: a feminina, a feminista e a fêmea. A fase feminina se caracteriza por imitação e internalização dos valores e padrões vigentes, ou seja, trata-se da imitação e repetição dos padrões culturais dominantes representados pelo modelo patriarcal. Representado por escritoras como Charlotte Bronte, Madame de Lafayette e Maria Firmina dos Reis.



A fase Feminista caracterizada por protestos contra os valores e os padrões vigentes e por defesa dos direitos e dos valores das minorias, ou seja, marcada pela ruptura e pelo protesto ao modelo patriarcal. Representada por escritoras como Virgínia Woolf, Simone de Beauvoir e Sonia Coutinho.

Na fase fêmea encontramos a autodescoberta feminina e a busca por identidade própria, em outras palavras, a busca constante de se autodescobrir, essa fase inicia-se na década de 1920, passa por transformações de autoconsciência na década de 1960 e continua até hoje. Suas principais representantes são Angela Carter, Annie Ernaux, Nélide Piñon, Lya Luft, Adélia Prado entre outras.

Ainda neste contexto feminino inicia-se a recuperação e reestruturação da produção literária de autoria feminina. O regatar da autoria feminina é o resultado de uma quebra de paradigmas e uma conscientização de atitudes em relação a institucionalização literária. Inserir-se nesse mundo literário masculino torna-se necessário uma ruptura com a visibilidade adquirida pela mulher, desde o contexto social até o cânone literário. “[...] *Subjaz às noções vigentes de tradição e cânone literário, ao discurso crítico da historiografia literária, às estratégias interpretativas e critérios de valorização herdados e legitimados na cultura patriarcal*” (SCHMIDT, 199: 36)

A fim de desmascarar os princípios sacralizados do cânone literário, a crítica literária contemporânea trabalha mediante a análise de críticos literários que mantêm seus posicionamentos em averiguar outros aspectos além do texto como objeto de estudo. O resgate da produção literária de autoria feminina tem o importante trabalho de valorizar esteticamente as autorias consideradas pelo cânone literário de baixo valor estético, descobrir inúmeras obras de escritoras que existem, mas não foram estudadas pelos críticos e revisitar as categorias críticas literárias para ampliar as perspectivas de análise. Apresenta-se como necessidade a relação de grandes nomes da autoria feminina como: Angela Carter, Elizabeth Bowen, Julia Lopes de Almeida, Clarice Lispector, Zulmira Ribeiro Tavares e outras citadas nesse texto.

Abranger a escrita feminista é falar muito mais do que da quebra de conceitos e paradigmas, mas falar da libertação feminina que se iniciou como movimento social e político, e tornou-se uma libertação da escrita, e da visão crítica feminina. Desmascarar princípios e transformar a visão dada as mulheres, estas que passaram a escrever literatura, livres dos escândalos e das rejeições.

Observa-se que depois do feminismo a mulher passou a ocupar um novo lugar na sociedade, ainda que, é necessário como críticas discutem analisar as transformações de conceitos e princípios que ainda permanecem como sacralizados, a exemplificar com o cânone literário.

O mesmo processo de analisar, se torna evidente quando falamos de observar o texto escrito sem fazer distinções quanto ao seu autor(a) mas analisá-lo de acordo com sua função literária. “ A função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo...” (TODOROV, 2010:66).

De forma geral para as mulheres que escrevem e que fazem parte dessa crítica feminista é de grande importância falar, escutar e discutir acerca da crítica feminista, já que através da mesma ocorreram questionamentos e discussões que levaram a melhores mudanças no mundo da escrita feminina e novos valores estéticos da literatura canônica a serem implantados, até então marcados por uma ideologia composta de diferenças. Resumidamente podemos relatar que a literatura feminina silenciada por tanto tempo no âmbito social, depois de uma reviravolta conseguiu, embora que ainda não como o desejado, um reconhecimento institucional de sua existência, sendo assim um objeto de pesquisas e investigações.

## 4 MEMÓRIA, LEMBRANÇA E TESTEMUNHO

### 4.1 A memória nas páginas de Ferré

Relatar sobre memória nos faz recordar expressões do tipo: guardar na memória, não é raro de se encontrar no nosso cotidiano, mas o que identificamos como memória? Quais os tipos de memória que são identificados? E como compreender o papel que a memória desenvolve no ser individual e no ser coletivo? Essas são algumas perguntas que pretendemos responder no nosso texto.

Quando pretendemos nos fixar no tempo e no espaço, seja de um ponto de vista individual e coletivo, é o que podemos definir como memória. Recordar, lembrar e definir o passado, diante de um presente com um posicionamento voltado para esse presente, trata-se de uma reconstrução do sujeito através da sua memória ou da memória dos outros. MARCIONILO, afirma que a “*memória é pública, popular, difusa, plausível e, portanto irresistível e também de tempos em tempos, compulsiva.*” (MARCIONILO, 2002: 234)

Antes da ascensão da escrita, a memorização era um meio de conservação da poesia oral, durante muito tempo, a qual era vista como um ofício, técnica e recurso; com a ascensão da escrita a memória passou a ser investigada, desafiada e analisada sendo ela coletiva ou pessoal. Atualmente, quando pensamos em uma memória contemporânea observamos que é aquela construída através da mídia. “*Estudar a relação da mídia com a memória não é negar a autoridade do evento que é o foco da recordação, mas insistir na capacidade da mídia de construir um passado público, assim como um passado para o público.*” (MARCIONILO, 2002:237).

Como vimos que há uma importante relação entre a memória e o espaço. No nosso livro, objeto de estudo, *La casa de la laguna*, são muitas as referências quanto ao espaço, o qual é dedicado capítulos para sua descrição, os relatos feitos sobre as memórias de duas famílias é feito paralelamente ao relato histórico de Porto Rico, o qual seu espaço físico é descrito através da memória dos personagens principais e de seus parentes. A descrição de cada espaço físico traz consigo a marcação de fronteiras entre os personagens e também sucessivamente a quebra dessas barreiras com as aproximações dos mesmos. “*Cuando los norte americanos llegaron a la isla, nuestros parrocos abandonaron la tradición de los libros de limpeza de sangre*” (FERRÉ,1997:.35)

Observamos que este processo, também, tem uma importante relação com o tempo. A existência de uma coerência interna se diferencia de um tempo linear, que não se apresenta em nenhuma narrativa memorial e que se observa no romance de Ferré, o qual conta as origens familiares da protagonista Isabel e de seu esposo, para isso a autora usa de um prólogo como recurso de uma árvore genealógica das duas famílias com o intuito de localizar o leitor diante do romance.

Conceituar memória diante do texto de Ferré é relatar “memória aquilo que foi vivido por alguém e selecionado como objeto de história para contar, (..) não é só daquele que narra parte de fatos possivelmente reais, mas também inventados” (CERRADOS,1992:166) Nos descreve no romance de Ferré “ *El manuscrito era un esfuerzo auténtico de escribir ficción; Isabel evidentemente pretendía que fuese una novela. Pero se había inventado unos cuentos increíbles sobre su familia; y había dejado fuera mucho de lo que, de veras, había sucedido.*” (FERRÉ,1997, p.87)

Podemos admitir que a memória de uma pessoa está ligada a um grupo, a uma tradição e a uma sociedade que ela se insere. Em outras palavras seria “ um fenômeno social e ao mesmo tempo reflete sobre as dimensões sociais e simbólica da memória individual. Sobre esses aspectos de memória coletiva e memória individual podemos relatar que se torna necessário que uma reconstrução funcione a partir de dados ou noções que estejam na memória individual e coletiva. Halfwachs define que se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, do ponto de vista desse grupo.(2006:41)

Portanto, toda memória está de alguma forma relacionada a um grupo que tem algo em comum, assim na memória coletiva de um grupo destacam-se as lembranças dos eventos e das experiências que partilham a maioria de seus membros. Por outro lado, na memória individual observamos que um sujeito nunca se encontra devidamente só, observando que até no momento de plena solidão física seus pensamentos estão voltados a cerca de um todo coletivo, mas para obter esse pensamento individual, ou memória, ocorre quando em meio a situações de coletividade se desperta uma estranheza com o surgimento da recordação individual. “A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto.” . (HALFWACHS, 2006:.69)

Desse modo a memória quando solicitada oferece uma contribuição involuntária e quando não solicitada só pode oferecer uma contribuição voluntária. Assim “A memória voluntária vai de um presente atual a um presente que “foi”, isto é, a alguma coisa que foi presente, mas não o é mais.” (DELEUZE,2006:54) Trata da memória que usa do passado para recompor o presente.

A memória involuntária se relaciona a um fenômeno exterior que só existe porque algo vivido foi esquecido. Em outras palavras “A memória involuntária tem, porém, uma característica específica: ele interioriza o contexto, torna o antigo contexto inseparável da sensação de presente”. (DELEUZE,2006:56) Resumidamente, podemos dizer que são muitos os paradoxos da memória mas, sabemos que ela desenvolve um papel importante na vida de um sujeito, embora que nesse mundo contemporâneo parece que estamos vivendo sem história e forçados de certo modo a viver uma falsa memória. Diremos que não se observa tanto o entrelaçamentos da memória com a experiência.

#### 4.2 Um olhar no lembrar

Toda prática da escrita parte de uma reflexão do autor consigo mesmo, com seus interlocutores e com o mundo. Sendo assim, podemos dizer que o ato de escrever surge como um exercício mediante uma produção de si através da construção elaborada como um contraponto ao seu passado.

Portanto, falar do passado possibilita uma libertação, muitas vezes marcada pela dor e por uma “não realização pessoal”. Vivemos rodeados de imagens que nos fazem lembrar sempre de alguma coisa, de alguma pessoa ou de algum acontecimento. Podemos então dizer que o conhecimento é uma lembrança. Assim, “*voltar a lembrar implica um esforço deliberado da mente, é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma... Todo o conhecimento é uma forma de lembrança [...]*”(ROSSI, 2010:16)

Esse processo que surge através do ato de lembrar leva-nos a reconhecer ou às vezes a rememorar algo que já é próprio da nossa memória e conhecimento. No texto de Ferré *La casa de la laguna* observamos que surgem inúmeros motivos para reviver uma lembrança, e cada capítulo que surge nos revela as lembranças revividas e recontadas sendo elas de pessoas, lugares, paisagens e até mesmo de intimidades. “*Recuerdo que cuando*

*Estefaniacumplió dieciséis años, sus padres le regalaron un Ford convertible rojo, lo que fue sin duda una necesidad”.*(FERRÉ,1997: 178)

Lendo o romance de Ferré encontramos vários traços de lembranças, a autora nos parece se comprometer com relatos cheios de precisão, os quais levam ao leitor viver momentos reais - ou muitas vezes imaginários- dos acontecimentos passados ou do cotidiano desde os mais simples aos mais complexos. Narrando desde lembranças, sentimentos, gostos até ideais e reflexões sobre a vida-“*soñaban con una pátria en la que todo el mundo fuera libre – de las drogas, de la ignorancia, de la pobreza -, donde nadie durmiera en sábanas de hilo bordadas y almohadones de plumas de ganso, como en la casa de la laguna, cuando otros tenían que dormir sobre piso de tierra .*”( FERRÉ,1997: 382)

Lembrar é trazer à tona um passado com bases nas exigências do presente, pois o ato de lembrar não ocorre sem que seja uma necessidade ou gosto do presente. “*Todos os que dedicam sua vida a lembrar e a fazer os outros lembrar de pedaços consistentes de um passado mais ou menos distante sabem que o passado é “um país de estrangeiro [...]”* (ROSSI, 2010: 30)”.

Desse modo são vários os motivos para se querer reviver uma lembrança, desde o ato de querer apenas expressar essa lembrança através do que se pensa, ou simplesmente reviver de forma contada as lembranças de acontecimentos pessoais. “*Decidí bajar a los sótanos para hablar con Petra. Quería asegurarle que no tenía nada que ver con la decisión de Quintín de desheredar a nuestros hijos. Petra estaba rezando.*” (FERRÉ,1997: 401)

#### **4.3 Testemunho: breves definições**

No campo da literatura, embora não sejam muitas, algumas pesquisas são dedicadas a investigar as praticas de produção de si. Entre essas linhas de pesquisas encontramos a literatura de testemunho. Partindo do principio de que o texto é o centro da produção literária juntamente com suas características semânticas e culturais, a literatura de testemunho surge preenchida de valores, sendo eles, pessoais ou históricos. “*A literatura de testemunho é não apenas a escritura de “lembranças traumáticas, mas também dialoga com a tradição literária”* (SELIGMANN-SILVA, 2005:109).

O testemunho é apresentado com características como recordações, rememoração, descrição de tempo e espaço, e tentativas de descrever imagens e lugares sem fuga da realidade e do original. Nessa concepção de realidade observamos que na literatura de

testemunho, o texto possui uma realidade apresentada como única. SELIGMANN-SILVA (2005,p.110) argumenta que na literatura de testemunho de um modo geral é frequente essa concepção do campo como constituindo “a única realidade e a afirmação da impossibilidade de saída dele, da impossibilidade de libertação dele: “não existe mais mundo do lado de fora da cerca” Ainda nessa concepção encontramos no nosso texto objeto de estudo essa teoria de forma prática quando Rosario Ferré relata-nos

*Al llegar a la parte de Salomé en el capítulo octavo, Quintín se quedó frío. La descripción de Rebeca bailando desnuda en la terraza para divertir a sus amigos – algo que él nunca presenció de niño – era lamentable. Su madre había sido una criatura refinada, tanto, espiritual como físicamente, y no una mujer inmoral. Rebeca era muy inteligente; tenía un talento natural para la poesía, y su salón literario llegó a ser famoso en el San Juan de los años veinte y treinta. Pero, cuando nació Quintín, Rebeca abandonó su carrera artística y se dedicó a él por completo. Nunca lo exilió a los sótanos, como afirmaba malévolamente Isabel en su texto.(FERRÉ,1997:.90).*

À medida que observamos o texto, notamos que surge uma contradição entre o que relata Isabel e o relato de Quintin que apresenta um relato testemunhal de uma verdade única defendida por ele sem possibilidade de sair dessa realidade. Essa literatura testemunhal passou a ser uma modalidade que se desenvolve e cresce rapidamente e, após o século XX, tornou-se consideravelmente como uma chave para a leitura da literatura desse mesmo século:

*“a literatura do testemunho, talvez seja uma das maiores contribuições que o século XX deixará para a rica história dos gêneros literários [...] filha da própria história(...)essa literatura difere das duas grandes linhas que governaram a produção literária até hoje: ela não visa nem a imitação ( da natureza, da história, ou mesmo de idéias) nem a criação “absoluta” ( como na doutrina romântica que levou à busca da “arte pela arte”)” (SELIGMANN-SILVA, 2005: 110).*

As grandes obras testemunhais são aquelas em que a vida se acha necessariamente cruzada pelas convulsões da história. Assim é o caso do romance em estudo, *La casa de la laguna*, que possui a vida dos personagens cruzadas pela história de Porto Rico. Revelando-se um texto com grandes partes testemunhais.

## 5 LA CASA DE LA LAGUNA: NARRATIVA DA GENEALOGIA

*La casa de la laguna* é um romance narrado em primeira pessoa, no qual a protagonista narra sua história e a do seu marido, em fluxos de consciência e memória. A narrativa desenvolve-se no período em que decorre seu relacionamento conjugal desde o início até o término. Com o intuito de deixar por escrito as memórias dos acontecimentos das duas famílias a narrativa predomina no tempo e espaço da memória.

Iniciando com o relato do tempo de namoro da protagonista a narrativa prossegue relatando o desenrolar dessa história amorosa e de suas raízes familiares. Casada com Quintín, Isabel inicia seus escritos na casa onde vive com ele, mas a narrativa apresenta diversos ambientes segundo as lembranças, o ambiente acompanha cada cena relatada. Instalada na casa da *laguna* Isabel encontra um ambiente propício, para escrever tudo o que sabe e quer deixar por escrito como memória de sua família e da família de Quintín, ela recorda toda história trágica das famílias.

Apresentamos o enredo resumidamente de acordo com as recordações da protagonista e do seu esposo:

A avó paterna de Isabel Monfort, Abby sempre alertava sua neta de que quando uma pessoa namora, é necessário que se observe sua família, as atitudes e características físicas e de caráter de seus parentes. Embora não tenha acreditado no que sua avó ensinava Isabel, a protagonista passou a crer quando observou constantemente as atitudes de Quintín seu esposo desde os tempos de namoro. Ainda quando namoravam Quintín após uma crise de ciúmes, teve atitudes violentas contra um rapaz, o que revelou que ele tinha herdado o caráter violento de seus parentes. Contornado o momento o namoro segue com o pacto de combater a violência da vida do casal, que para obter isso resolve investigar através das lembranças as histórias terríveis das duas famílias, afim de não cometer o mesmo.

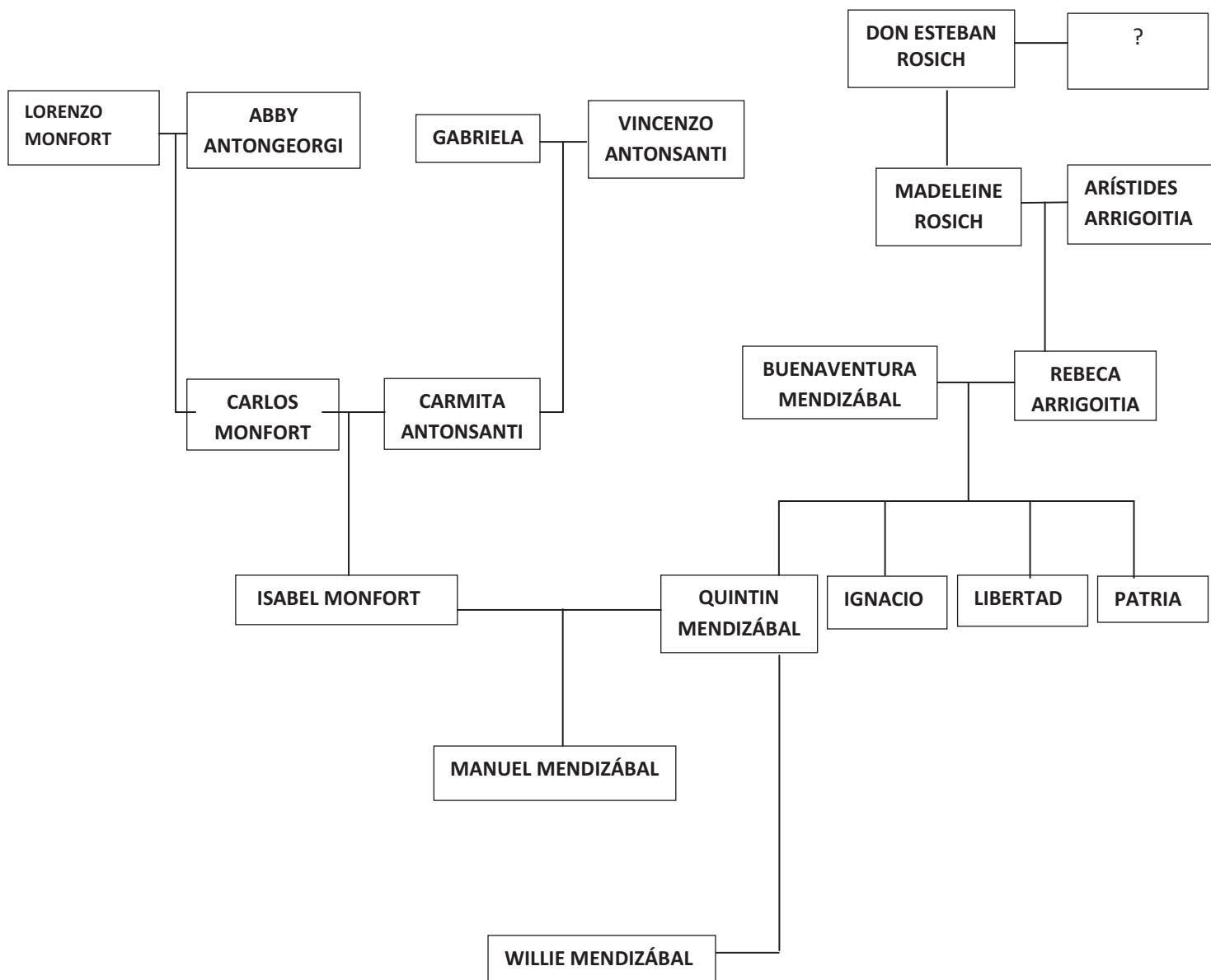
Casada e agora na casa da *laguna*, Isabel tem o propósito de escrever essas lembranças da memória dela e de Quintín, mas agora com um pouco de ficção, "*Mi propósito original fue tener, a los recuerdos de Quintín, las memorias de mi propia familia, pero lo que escribí finalmente fue algo muy distinto*" [FERRÉ,18]. Ela inicia seus escritos sobre a família de seu esposo narra como o pai dele chega a Ilha de Porto Rico e depois como conhece a mãe dele, como eram a vida deles antes e após o nascimento dele e segue descrevendo fatos da história da família de Quintín que se une com a descrição da parte histórica da ilha de Porto Rico. O



inesperado acontece quando Quintín encontra o manuscrito de Isabel e observa após ler que o que ela narra não aconteceu exatamente como ela descreve. Entristecido e furioso "*más que enojado con Isabel, se sentía profundamente herido*" ((FERRÉ,1997:90), ele não sabe o que faz de imediato resolve guardar o manuscrito e esperar o que sucedera. Para sua surpresa o manuscrito segue cada vez mais completo de relatos que ele desconhece e afirma que é mentira. "*Quintín no salio de su asombro.?Cómohabia sido capaz Isabel de escribir aquella sarta de mentiras sobre su familia?*"((FERRÉ,1997:87). Ele resolve escrever as lembranças de acordo com as suas próprias memórias tanto sobre sua família quanto sobre os acontecimentos da família de sua esposa. E dessa vez é ela que se observa uma versão distinta da qual ela conhece. Assim, o leitor se depara com relatos apaixonantes e envolventes de vozes masculina e feminina narrando memórias de amor e ódio, observando a impossibilidade de uma única verdade.

Buenaventura Mendizábal, o pai de Quintín, era um jovem espanhol que chegou a ilha de Porto Rico em 1917, sem condições financeiras boas se instalou na ilha e como "*era un joven muy bien parecido. Media uno ochenta de estatura, tenía la piel bronceada y unos ojos azules que daban ganas de nadar mar afuera cada vez que uno los miraba*"(FERRÉ,1997:85) encantou a uma jovem de família rica chamada Rebeca que casou-se com ele e assim com algumas ajudas se tornou um grande comerciante. Embora seu casamento tenha sofrido crises tiveram quatro filhos e entre essas gravidezes muitas histórias de amor e ódio. Comerciante próspero, tinha um gênio forte e severo, o qual Quintín herdou sucessivamente.

## ÁRVORE GENEALÓGICA DAS FAMÍLIAS MENDIZÁBAL E MONFORT



Buenaventura Mendizábal, o pai de Quintín, era um jovem espanhol que chegou a ilha de Porto Rico em 1917, sem condições financeiras boas se instalou na ilha e como *"era un joven muy bien parecido. Media uno ochenta de estatura, tenía la piel bronceada y unos ojos azules que daban ganas de nadar mar afuera cada vez que una los miraba"*[85] encantou a uma jovem de família rica chamada Rebeca que casou-se com ele e assim com algumas ajudas se tornou um grande comerciante. Embora seu casamento tenha sofrido crises

tiveram quatro filhos e entre essas gravidezes muitas historias de amor e ódio. Comerciante próspero, tinha um gênio forte e severo, o qual Quintín herdou sucessivamente.

Rebeca Arrigoitia, esposa de Buenaventura, era uma mulher de caráter doce, uma jovem muito bonita e que apaixonou-se por um homem de boa aparência, sempre gostou do mundo das artes se encantava por bailar, poesias e pecas teatrais. Depois de casada foi obrigada a deixar seus gostos pra segundo plano e se dedicar a família. Depois de uma gravidez indesejada por ela, e de uma separação foi que seu marido permitiu que ela se dedicasse também a arte "*Rebeca escribia todos los días*" (FERRÉ, 1997:72). Desse casamento resultaram quatro filhos Ignacio, Libertad, Patria e Quintín. Porém Rebeca nunca se sentiu plenamente satisfeita muitas vezes parecia que ela e seu esposo viviam juntos, mas partilhavam mundos distintos.

Carlos Monfort, o pai de Isabel, "*era cetrino y delgado como la gente del campo y tenialos brazos y laspiernastan largos que parecia unaraña de agua*" (FERRÉ, 1997: 152) um homem trabalhador fazia seu trabalho tão bem que passava de ser um simples moveleiro a transformar seu trabalho em uma verdadeira obra de arte, seus moveis estavam espalhados por vários povoados e ele fazia sucesso com seu trabalho. Um dia ao sair para divulgar seu trabalho conheceu a Carmita, a qual decidiu fugir com ele, tiveram um casamento contra as famílias de ambos e tiveram apenas Isabel de filha.

Carmita Antonsanti, mãe de Isabel, era uma mulher alta "*tenia unos ojos muy grandes y una carne que parecia un helado de vainilla de tan blanca e apretada*" (FERRÉ, 1997:153) que tinha um casamento tranquilo até herdar um juramento que mudou sua vida; grávida pela segunda vez ela foi aconselhada por sua mãe a abortar pois segundo sua mãe não tinha condições de educar dois filhos pequenos, Carmita aborta e como resultado fica estéril, cai em uma melancolia profunda. Além de fazer Isabel presenciar o momento do aborto e guardar como lembrança eterna.

Após engravidar seis vezes consecutivas, Gabriela, mãe de Carmita, faz um juramento que quando suas filhas ficassem grávidas teriam que ter entre uma gravidez e outra cinco anos de intervalo, mulher decidida auxilia e influencia em um aborto de sua filha após a quebra do juramento. Casada e com um relacionamento sexual muito produtivo, "*era una mujer hermosísima*" (FERRÉ, 1997:96) traz em seu casamento momentos de descrição de prazeres. Morreu de doença pulmonar.

Vincenzo Antonsanti, era primo irmão de sua esposa Gabriela, era um homem feliz e

orgulhoso pela produtividade da mulher, gostava muito de comer as comidas preparadas por ela, principalmente as que eram afrodisíacas. Desfrutava de um relacionamento que o satisfazia, mas sua mulher decidiu que se afastassem, o que o fez trai-la e ter um filho extraconjugal. Acreditava que a fertilidade demonstrava o potencial do homem "*Solo gracias a la fertilidad más elemental puede el hombre reconciliarse con el mundo*"(FERRÉ,1997:98).

Don Esteban Rosich, o bisavô de Quintin, era um viúvo, comerciante italiano bem sucedido, foi morar em Porto Rico com sua filha por razões de saúde. "*tenía casi noventa años y era un anciano muy alegre*"(FERRÉ,1997:131) Sua filha Madeleine Rosich, avó de Quintim, "*era muy buena ama de casa*" (FERRÉ,1997:106), se dedicava a sua casa e fazia isso muito bem feito. Era alta e esbelta, gostava muito de esportes, vivia na ilha, mas nunca se interessou em aprender a língua espanhola, casou-se com Aristides e não queria ter filhos no início do casamento, no entanto teve a Rebeca sua única filha.

Aristides Arrigoitia "*tenía el cabello tan rubio y exhalaba tanta seguridad en sí mismo*" (FERRÉ,1997:103) era um jovem trabalhador e humilde, foi no seu ambiente de trabalho que conheceu sua esposa Madeleine, após se casarem foi trabalhar de administrador com seu sogro "*resultó ser un administrador competente que combinaba eficazmente los trabajos*"(FERRÉ,1997:107) . Criado em um orfanato, ele possuía qualidades que surpreenderam sua esposa e seu sogro, muito ciumento e possessivo de sua filha Rebeca.

Abby Antongeorgi ,avó predileta de Isabel, "*tenía el pelo blanco como a tela del coco y unas manos suavísimas, era de estatura baja, no media más de metro sesenta*"(FERRÉ,1997:112), era uma mulher sabia que sempre gostava de aconselhar as pessoas sobre a vida. Gostava muito de estudar sobre saúde, queria ser enfermeira, mas sua madrasta a obrigou a cuidar dos seus irmãos e da casa e ela teve que deixar de estudar. Casou-se com um homem que era gêmeo, era muito feliz em seu casamento, mas sofreu, pois quando estava grávida teve seu marido assassinado pois o confundiram com o seu irmão. Passado esse acontecimento Abby volta a morar na cidade que morava quando solteira e criar seu filho Carlos da melhor forma possível.

Lorenzo Monfort, avô de Isabel, "*era un cafetalero*"(FERRÉ,1997:113), era irmão gêmeo de Orenco, observou Abby quando ela era muito jovem e decidiu que necessitava de alguém como ela forte mas ao mesmo tempo doce, anos depois voltou a casa dela e a pediu em casamento . Casaram-se e quando sua mulher estava grávida ele foi confundido com o que seu irmão tinha falado para um empregado e foi assassinado.

Ignacio, o irmão de Quintín, "*tenia el habito de la alegria, siempre estava brincando*", ao contrario do seu irmão sempre teve privilégios dos seus pais, se dedicou apenas a estudar e fez disso seu ofício, quando jovem se apaixonou de uma jovem não aceita por sua família que fez o possível para acabar esse relacionamento e assim obteve êxito, depois desse acontecimento nunca mais se envolveu com alguém após a morte de seus pais Ignacio foi conduzir os negócios da família e levou junto a suas irmãs a empresa a falência, terminou se suicidando.

Patria e Libertad, as irmãs de Quintín, ambas foram criadas no luxo sem ter obrigações a não ser estudar e aprender como se comportar em meio a sociedade, ainda muito jovens se casaram com dois irmãos, e passaram a viver em torno desses casamentos como objetivo de vida, tiveram ambas três filhos e por não terem sido criadas preparadas para a vida após a morte de seus pais junto com seu irmão mais novo levaram à falência os negócios das famílias por gastos exagerados.

Quintín Mendizabal, o marido de Isabel, embora tivesse o intuito de ser artista não pôde, teve de dedicar-se ao mundo empresarial, "*era un hombre honesto*" (FERRÉ, 1997:200), desde muito jovem deu continuidade aos negócios da família, herdou dos seus antepassados um gênio forte e as vezes incontestável, sempre esteve frente aos negócios da família até a morte de seus pais que graças a um testemunho teve que entregar a presidência da empresa ao seu irmão. Tiveram dois filhos um fora do seu casamento e outro com sua esposa, casou-se com Isabel jovem que conheceu ao salva-la de um roubo, seu casamento teve muitos momentos de alegria e tristeza, quando vivia na casa que tinha sido dos seus pais descobriu um manuscrito de sua mulher, que contava as memórias das suas famílias tanto da dele quanto da dela, o surpreendeu já que eles tinham combinado de escrever esse livro juntos, ele observava que ela o fazia sozinha e completo de histórias que segundo ele não eram verdades, após momentos de discussões, ela o deixa sozinho abandonado e parte para viver com seu filho sem ele.

Manuel Mendizabal, o filho de Quintín e Isabel, "*los ojos que tenía negros y brillantes*" (FERRÉ, 1997:321), foi criado desde criança forte e saudável, o filho único entre o casal teve todas as oportunidades para ser criado da melhor forma para dar continuidade aos negócios da família e assim o fez por algum tempo. Depois de jovem e concluído os estudos dedicou-se a trabalhar em prol dos negócios da família, mas apaixonou-se por uma jovem que tinha ideais distintos dos de seus pais que o fez mudar completamente. Saiu de casa e nunca

mais voltou a ser o Manuel que tanto orgulhava a sua família, passou a viver pelo mundo defendendo ideais independentistas assim pelo resto da vida.

Willie Mendizabal, filho de Quintín, "*fue siempre perspicaz, de niño se dab cuenta de todo, Era intuitivo de naturaleza, y era también muy sensible*" (FERRÉ, 1997:352), Embora não fosse filho de Isabel Willie despertou nela um afeto muito grande desde bebê, resolveram cria-lo como criaram a Manuel e assim o fizeram, ele resolveu dedicar-se ao mundo da pintura e o fazia de forma admirável. Sempre muito atencioso era ele que tentava sempre resolver as coisas de forma muito amigável, assim como seu irmão se apaixonou muito cedo, mas ao contrário de Manuel, Willie não deixou a casa dos seus pais por conta dela e nem de planos idealistas. Sempre ao lado de Isabel ele tentava contornar os problemas entre seu pai e seu irmão embora que todas foram negativas. Quando Isabel deixa a casa da laguna é ele que o acompanha.

Isabel Monfort é a protagonista do livro, filha única Isabel adorava escutar os conselhos que sua avó lhe dava embora que um lhe passou despercebido, e Isabel casou-se com um jovem sem observar as características dos seus antepassados, ainda jovem ela conheceu um rapaz que a salvou de um assalto e a partir daí passou a corteja-la, namoraram e casaram ainda jovens ela mudou-se para viver com os pais dele em um outro povoado. Os dias de convivência naquela família pareciam eternos, mas Isabel aproveitava para conhecer de perto a família do seu esposo. Depois conseguiram viver em um apartamento e assim tiveram a vida sozinhos como tanto ela desejava, com a morte dos seus sogros, ela observa a mudança de vida do seu esposo desde financeira até de caráter.

Isabel sempre gostou muito de literatura e sempre gostou muito de escrever, quando jovem escrevia poemas, mas amassava-os e os jogava fora, pois não acreditava que seriam dignos de uma publicação. Depois que conheceu a Quintín e já namorados fizeram um pacto de que não permitiriam que as histórias violentas da família de Quintín atingisse a deles, e que escreveriam juntos um livro sobre as memórias das duas famílias como forma de lembranças. Mas já casada e vivendo após a morte na casa dos sogros, Isabel inicia seu manuscrito sem ele saber, como ela relata "*pero lo que escribí finalmente fue algo muy distinto*" (FERRÉ, 1997:18), ela inicia seus escritos relatando as histórias da família dele o que ele afirma que foi muito diferente do que aconteceu. Embora ela observou que ele já estava lendo o que ela escrevia, Isabel não para de escrever continua fazendo relatos das duas famílias e descrevendo assim também os dramas vividos após seu casamento.

Descreve tudo o que viveu com seu marido, desde as cenas de amor na adolescência até as conversas dolorosas enquanto casados: *"tú sabes lo mucho que te quiero, Isabel. Eres la persona más importante de mi vida . Pero si sales encinta de nuevo, tendré que pedirle que te hagas un aborto. "*(FERRÉ,1997:322)

Após uma briga entre seu filho e esposo, Isabel acredita que não tem mais como contornar a situação do seu casamento e observa que Quintin realmente herdou muito do caráter de seus antepassados. Isabel é surpreendida com o que ele quer conversar com ela. *"Creo que debemos discutir tu manuscrito abiertamente Isabel-...- Hace semanas que lo estoy leyendo, y yo sé que tú sabes que lo estoy leyendo.Hagamos un trato. Si me prometes no publicarlo, te prometo que destruiré el testamento."* (FERRÉ,1997:407) E segue relatando sobre o manuscrito: *" Tu novela tiene algunas partes bien escritas, Isabel. Pero no es una obra de arte . Es unalegato independentista, un manifiesto feminista y lo que es peor, falsea la historia.Aunque decidieras no hacer el trato conmigo, yo que tú no la publicaba"*(FERRÉ,1997:408).

Isabel planeja deixar a casa e a Quintin, parte junto a Willie, com sua novela já que ela afirmava *" Mi novela no es sobre política. es sobre mi emancipación de ti. tengo derecho a escribir lo que pienso y tú nunca has podido aceptarlo"*[408]. Ela vai embora com Willie e só depois consegue terminar a novela já longe sem os reflexos de Quintin.

### **5.1 Ambiente: o espaço da personagens ferreriana**

O lugar onde a protagonista relata sua novela é a casa da laguna, mas observamos que juntamente com as descrições da protagonista o ambiente modificado de acordo com cada memória descrita.

Notamos que nos primeiros capítulos o ambiente descrito é a Ilha de Porto Rico, pois com a chegada de Buenaventura, pai de Quintin esposo da protagonista que se instaura completamente na mesma. *"Durante su travesia por el Atlántico, Buenaventura se preguntaba cómo sería la isla de Puerto Rico. Habia leído algo sobre la historia del Caribe antes de zarpar de Cádiz, pero también se enteró de muchas cosas de primera mano, conversando con las personas que habían viajado por el área"*(FERRÉ,1997:25). É nessa parte que a protagonista faz um paralelo entre a chegada de Buenaventura com a parte histórica

de Porto Rico.

Na terceira parte do livro que Ponce nos é apresentado como ambiente, Isabel a protagonista, nos apresentada onde vivia quando ainda era solteira: *"Quintin venía a visitarme a menudo a Ponce cuando, todavía éramos novios, y se quedaba a dormir en el Texas Motel, a la salidad del pueblo."* (FERRÉ, 1997:93)

Depois do casamento de Isabel e Quintín o ambiente principal segue sendo a casa da laguna e tudo que ocorre passa a ser ao seu redor.

*El sótano de la casa de la laguna me fascinó desde la primera vez que lo vi[...] en la casa de la laguna, las cosas a menudo resultaban engañosas, y siempre había lugar para la ambigüedad o la duda. Lo más que llamó la atención cuando visité los sótanos la primera vez fueron las majestuosas vigas de hierro que sostenían la terraza de Pavel [...] Al fondo del salón comunal se veía una puerta de bronce, incrustada en la pared del centro.* (FERRÉ, 1997:252-253)

Outro relato que nos chama atenção é quando ela e o marido voltam a rever a casa depois de um ano da morte dos pais de Quintín. *"Esa tarde fuimos juntos a la casa de la laguna. hacía más de un año que no le visitaba, e me impresionó que estuviera tan vacía[...] cuartos se veían sucios y destantalados..."* (FERRÉ, 1997:305-306).

Depois Quintin adquire parte da casa quando a compra as suas irmãs. *"Por cierto, queríamos agradecerle el que nos hubieras comprado nuestra participación en la casa"* (FERRÉ, 1997:307). Em seguida, quando eles já estão com condições financeiras melhores, decidem ir morar na casa.

*Dos meses después de que nació Manuel, Quintín decidió que nos mudaríamos a la casa de la laguna. Vendió nuestro piso en el condominio, y con ese dinero le hicimos algunas mejoras a la casa. Mandamos a pintar todo, y cuando vi la emulsión blanca cubriendo los muros me sentí mejor. Pensé que era importante esparcir aquella capa de olvido sobre los muros, borrar lo que había sucedido allí dentro."* (FERRÉ, 1997:315)

No fim da novela, na última página a protagonista encerra novamente a casa *"Cuando me di vuelta a mirar, vi que las llamas salían por las ventanas modernistas de la casa. Y allí estaba Manuel con la ametralladora acunada entre los brazos, montando guardia en medio de la terraza dorada y asegurándose de que la casa ardiera"*[430]. Embora a protagonista escrevesse seus últimos capítulos em outro lugar *"Willie y yo en Florida [...], cuando ya nos habíamos mudado a vivir a Long Boat Key, a la paz de este lugar maravilloso había por fin sanado mis heridas, que regresé a terminar de escribir La casa de la*



*laguna*"(FERRÉ,1997:402), mesmo assim dedica suas últimas palavras para descrever o ambiente da casa.

Ao narrar seu romance "*La casa de la laguna*" observamos que a autora nos apresenta através do ambiente, a casa, com histórias que permite ao leitor se encantar com cada relato, nos mostrando assim a história de Porto Rico desde sua Orígenes até os dias do romance escrito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de escrita de si e da escrita feminina são temas principais de algumas pesquisas hoje em dia, embora não sejam muitas, essas pesquisas visam analisar essas praticas como objeto de estudo. Nossa pesquisa é uma reflexão sobre essas praticas e sobre a função exercida pela memória, lembrança e testemunho na genealogia familiar da escrita feminina.

A crítica feminista trouxe-nos uma nova visão sobre o papel da mulher como escritora, leitora e crítica literária visando o despertar para o senso crítico e para promover mudanças de mentalidades a fim de romper com os discursos de tradição literária sobre o posicionamento da mulher no campo literário. A reestruturação da produção literária de autoria feminina trouxe o importante papel de resgate da referida produção.

Quando analisamos a função da memória, da lembrança e do testemunho mediante a produção de escrita de si notamos que se trata de uma reconstrução do sujeito através da própria escrita. No livro “La casa de la laguna” de Rosario Ferré, que é nosso objeto de estudo analisamos essa pratica de escrita feminina diante desses termos (memória, testemunho e lembrança) e identificamos a influência que se teve na escrita da autora mediante os passos vivenciados por ela. O mesmo processo de analisar torna-se evidente quando falamos de cada personagem do livro, pois quando apresentamos o enredo resumidamente torna-se evidente a função exercida por cada memória, testemunho e lembrança vivenciada.

Através da escrita, o sujeito é capaz de mudar suas relações com o mundo, favorecendo a possibilidade de transformações coletivas. No entanto, para que isso ocorra faz-se necessária uma conscientização da sociedade também em relação à importância da produção literária feminina a qual se pode começar a fazer uma mudança mediante o método de análise de produção literária, tendo o texto como principal objeto de estudo. Embora os escritos de mulheres, assim como os escritos relacionados às minorias étnicas e sexuais e dos segmentos sociais menos favorecidos, não são relativamente estudados e analisados diante das grandes produções literárias, pois se observa-se, atualmente, um avanço nesse aspecto.

Torna-se importante desafiar os valores instituídos no inconsciente coletivo durante uma longa tradição literária em que o texto de autoria feminina era vista e classificado como produção literária inferior. Embora seja difícil, precisamos penetrar nos estudos acadêmicos o

direito de se conhecer e analisar não apenas os textos literários, mas os outros tipos de textos, provenientes de outros segmentos culturais, observando que já encontramos alguns textos de autorias femininas nos estudos acadêmicos, diferente de há algum tempo atrás em que não se podiam ser considerados produção literária, para que sejam objeto de leitura crítica, servindo de questionamentos ideológicos e contribuindo para mudanças de mentalidades.

Diante dessa análise torna-se evidente o crescimento do reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como objeto de pesquisa, como o nosso livro objeto de pesquisa “*La casa de la laguna*”, de Rosario Ferré, pois depois de anos silenciadas as vozes femininas começam a adquirir o seu lugar embora que ainda singelo no campo literário.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *El punto de vista psicoanalítico*. In: **El segundo sexo: los hechos y los mitos**. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1997:61-74.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica Feminista*. In: **Teoria da Literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Marigá: Eduem, 2005: 181-202.
- RODOREDA, Mercè. **A Praça do Diamante**. São Paulo: Planeta, 2003.
- CASTRO, Elis Crokidakis. *A memória, seus fios e tramas: Dois livros de Adriana Lisboa-os fios da memória e a azul-corvo*. In: **Revista Cerrados do programa de pós-graduação em literatura**. vol.1, n.1- Brasília-DF1992:159-168.
- FERRÉ, Rosario. *La casa de la laguna*-1ªed- Buenos Aires: Emecé, 1997:01-430.
- FUNCK, Susana Bornéo. *O que é uma mulher*. In: **Revista Cerrados do programa de pós-graduação em literatura**. vol.1, n.1- Brasília-DF1992, 65-73.
- GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**- Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004:7-23
- HALBWACHS, Maurice. *Memória individual e memória coletiva*. In: **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006:29-70.
- JAMESON, Fredric. *Sobre a substituição de importações literárias e culturais no terceiro Mundo: O caso da obra testemunhal* In: **Espaço e Imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios de Fredric Jameson**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006. 107-128.
- RIBEIRO, Maria Goretti. **A via crucis da alma: leitura mitopsicológica da trajetória da heroína de As parceiras, de Lya Luft-João Pessoa**: UFPB Editora Universitária, 2006:26-39
- ROSSI, Paolo. *Lembrar e esquecer*. In: **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias**. São Paulo: Editora UNES, 2010.15-38.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Literatura de testemunho: Os limites entre a construção e a ficção* In: **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**- São Paulo: Ed.34, 20005. 105-118
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**, tradução Caio Meira. 3º Ed.- Rio de Janeiro: DIFEL, 2010, 25-82
- VENANCIO FILHO, Paulo. *Tempo e Memória* In: **Primos entre si: temas de Proust e Machado de Assis**- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 101-123

-ZOLÍN, Lúcia Osana. *Literatura de Autoria Feminina*. In: **Teoria da Literatura: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Marigá: Eduem, 2005: 275-283.

-ZUMTHOR, Paul. Duração e Memória In: **Introdução à poesia oral**- São Paulo: Editora HUCITEC.1997,257-273